

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE SERRA-ES: DOCÊNCIA QUE SE DESLOCA NO PLANO DA VIDA EM IMANÊNCIA

Eliana Aparecida de Jesus Reis

1. PARA FALAR DE CURRÍCULOS, DOCÊNCIA, *DEVIRES*...

Este trabalho tem como objetivo pensar a “identidade” ou “processos de identificação” do professor enredado por movimentos subjetivos singulares que se entrecruzam e provocam tensões ao colocar em xeque clichês criados em relação aos modos de ser/ estar professor na escola, bem como forças discursivas forjadas em um dos *espaçostempos* de formação docente que compõem a rede municipal de Serra-ES.

Vamos rabiscando nosso campo problemático transformando em pergunta inquietações que têm disparado nosso pensamento: Que *espaçostempos* formativos os professores alfabetizadores da rede municipal serrana têm ocupado nos últimos anos? Que enunciados têm atravessado a descrição desse professor, sua atuação, seu fazer pedagógico, seu modo de ser/ estar docente?

O “Pensamento da Diferença” nos ajuda a pensar que “o indivíduo não é apenas resultado, mas meio de individuação; bem como a sua individuação não é o momento primeiro, nem obriga todo o ser: não há substâncias, mas processos de individuação, não há sujeitos, mas processos de subjetivação” (CORAZZA, 2013, p. 120). Assim sendo, a docência não é uma coisa só, não é uma identidade fixa, mas se constitui nas relações, nos encontros, nos movimentos mutantes vividos em planos subjetivos que a atravessa, que rabisca, provoca rasuras nos modos de existência.

Ao recorrer à cartografia, enquanto método de pesquisa, contamos com as contribuições de Deleuze e Guattari. Nossa proposta é pensar a constituição da docência em um movimento de entrecruzamento de forças e proliferação de vidas produzidas nesses *espaçostempos* de formação de professores, considerando os processos de “individuação [que] não esgota [m] os potenciais de realidade pré-individual, assim como a individuação não faz aparecer como seus efeitos somente o indivíduo, mas um par indivíduo-meio” (BARROS; PASSOS,

p. 22). Desejamos, assim, nos distanciar da lógica binária de classificação docente e de concepções fundacionistas da “identidade docente” que perpetua de clichês ao resumir a docência à prática do “bom” ou do “mau” professor. A docência enquanto produção subjetiva pode ser tecida por diferentes linhas, formas, cores, dimensões, forças...

2. DISCURSOS-FORÇAS QUE ENREDAM A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM SERRA-ES

Neste trabalho, buscamos cartografar alguns dos dados levantados por professores orientadores na composição de um dos trabalhos apresentados no “III Seminário Capixaba: Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)” realizado nos dias 02(dois) e 03 (três) de dezembro de 2015. Naquela oportunidade, foi apresentado o relato de experiência intitulado “Alfabetização da perspectiva histórico-cultural na Serra: desafios e possibilidades”. O relato apresenta alguns dados quantitativos e problematiza alguns movimentos intensificados durante o ciclo formativo com professores alfabetizadores, no município de Serra-ES, no período entre 2013 e 2015.

Recorrendo aos estudos Stuart Hall (2006) ao problematizar a “A identidade cultural na pós-modernidade”, desejamos pensar algumas questões que nos afetam: que imagem docente aparece na produção discursiva que se dá nesses *espaçostempos* de formação continuada? É possível a fixação de uma identidade/imagem docente? Assim sendo, nosso corpo-pensamento segue tensionado pelos agenciamentos produzidos com o conceito de “cultura” rasurado por Lopes e Macedo que enredam a essa discussão outra questão: a identidade docente pode ser concebida como um produto cultural de experiências da formação continuada? Assim, pensando o conceito de “identidade” com Hall (2006) e o conceito de “cultura” com Lopes e Macedo (2011), desejamos pensar os processos de subjetivação docente, que enredam o percurso formativo de professores alfabetizadores na rede municipal de Serra.

O número expressivo de professores que participaram desses *espaçostempos* de formação continuada nos afeta e dispara o seguinte questionamento: se o discurso constitui a realidade e torna essa realidade construída uma representação, que representações de realidade são construídas pelos discursos-forças enredados nesses encontros de formação continuada? “A representação é um discurso e cria coisas que, se não são materialmente

concretas, têm efeitos reais ou efeitos de verdade” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 207). Portanto, que efeitos de sentido, efeitos de poder estão sendo criados em relação à “identidade docente” e à constituição do ser/estar docente no cotidiano escolar/ nesses *espaçotempos* formativos, no município da Serra/ES?

Pensando com a Filosofia da Diferença (DELEUZE; GUATTARI, 1995) a docência concebida como “modelo” assume um caráter dicotômico, linear, reprodutor, hierárquico e homogêneo. No entanto, pensar a docência como rizoma abre como possibilidade redes de multiplicidades, de invenções, de acontecimentos, de conexões com o fora, de processos de subjetivação que se dão de modo intensivo e extensivo. Assim, não se pretende escolher um modelo ou outro como o ideal e desejável, mas buscar entender que essas linhas duras e flexíveis, bem como as linhas de fuga entrecruzam-se de modo indissociável, implicando nos modos de ser, estar, viver, sentir, pensar, tecer, compor, constituir a docência.

Para Deleuze (1998) a diferença é um sinal do imprevisível que nos faz pensar no devir, nos remete ao “acontecimento”. Nesse aspecto, o professor não se transforma em um tipo de “funcionário da alfândega”, mas naquele que muda seu próprio corpo, sua própria conversação, suas próprias experiências. Que não reduz a educação a uma mesmice egocêntrica e hegemônica. Que não faz metástase, que faz metamorfose. E lembra, ainda, aquilo que Nietzsche (2001) entendia como educação: “a arte de rebatizarmos e/ou de nos ensinarmos a sentir o outro”. Nesse sentido, podemos pensar: porque ser professor desse modo e não outro? Quais os limites do pensamento de lógica binária quando classifica o professor em “mocinhos” ou “vilões”, “heróis” ou “culpados”? Quais os possíveis de uma docência inventiva que deseja experimentar as diferentes possibilidades de ser/estar professor?

3. LINHAS ABERTAS, PENSAMENTO EM CURSO...

A ação docente não compõe uma moldura fechada, enclausurada, ao contrário, a ciência também opera movimentos (BRITO e RAMOS, 2014, p. 37). Apostamos na docência como política de liberdade, apostamos na vida de modo expandido nos processos subjetivos que não se reduzem um indivíduo a uma existência molar, dura, fixa, imóvel. Existe uma potência, como força ativa do pensamento, que nos desloca de um modo a outro e, ainda, na criação de outros modos de ser/estar no mundo em relação com coisas, pessoas, forças em correlação entre saber-poder que vão tecendo diferentes “si”. Assim

sendo, “ocorre de nós, docentes, em movimento permanente de individuação, decididamente, estancar nossos “Eus”, para viver como um conjunto de fluxos, em relação com outros fluxos, fora de nós e em nós” (CORAZZA, 2013. p. 138).

As diferentes possibilidades de encontros vividos nos *espaçotempos* de formação continuada e nas tensões entre macro-micropolíticas são enredadas em um plano de imanência mutante, pulsante no cotidiano escolar. Assim sendo, ficam abertas em nosso corpo-pensamento: qual a força desse contexto de formação discursiva na constituição de uma imagem docente criada para atender as expectativas de formação de professores/as numa lógica homogenia de ser/estar docente nos anos iniciais do ensino fundamental? Que forças são estabelecidas nessa correlação de poder-saber e seus atravessamentos na produção subjetiva dos professores/as da rede municipal de Serra/ES? Que dispositivos de compõe os processos de subjetivação em imanência no cotidiano da escola? E, ainda, quais as possibilidades de manejo em relação a esses processos de efeitos abertos em nosso corpo-pensamento nos encontros vividos nesses *espaçotempos* de formação continuada?

Com Manoel de Barros queremos acreditar que “a maior riqueza do homem é sua incompletude” e que a possibilidade de ser “Outros” está em nós sempre aberta aos devires que não cessam de estancar nossos “Eus” abrindo rasgões para o “Fora”. A docência, assim, habita o “não lugar”, o entremeio. A vida em seu constante processo de demolição nos permite ser, viver, estar, pensar, falar, habitar o entremeio. Acontecimentos se tecem, destecem, nos tecem extrapolando a lógica de uma representação docente, de uma identidade fixa. O professor cria, inventa, redeterritorializa-se em constante devir, pode ser “Outros” e “Outros” e “Outros” e...e...e...

REFERÊNCIAS

BRITO, Maria dos Remédios; RAMOS, Maria Neide Carneiro. Por um ensino e uma aprendizagem - acontecimento. **Revista Ensaio**. V. 16. 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre- RS: UFRGS; Doisa, 2013

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. VOL. 1. Rio de Janeiro:Ed. 34,1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**; trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; OLIVEIRA, Flávio Valentin de; SANTOS, Igor do Carmo; SANTOS, Arthur; ELMESCANY, Érica de Nazaré MARÇAL; ALMEIDA, Mário Tito Barros (Orgs). **Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política**. Curitiba: CRV, 2016.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.